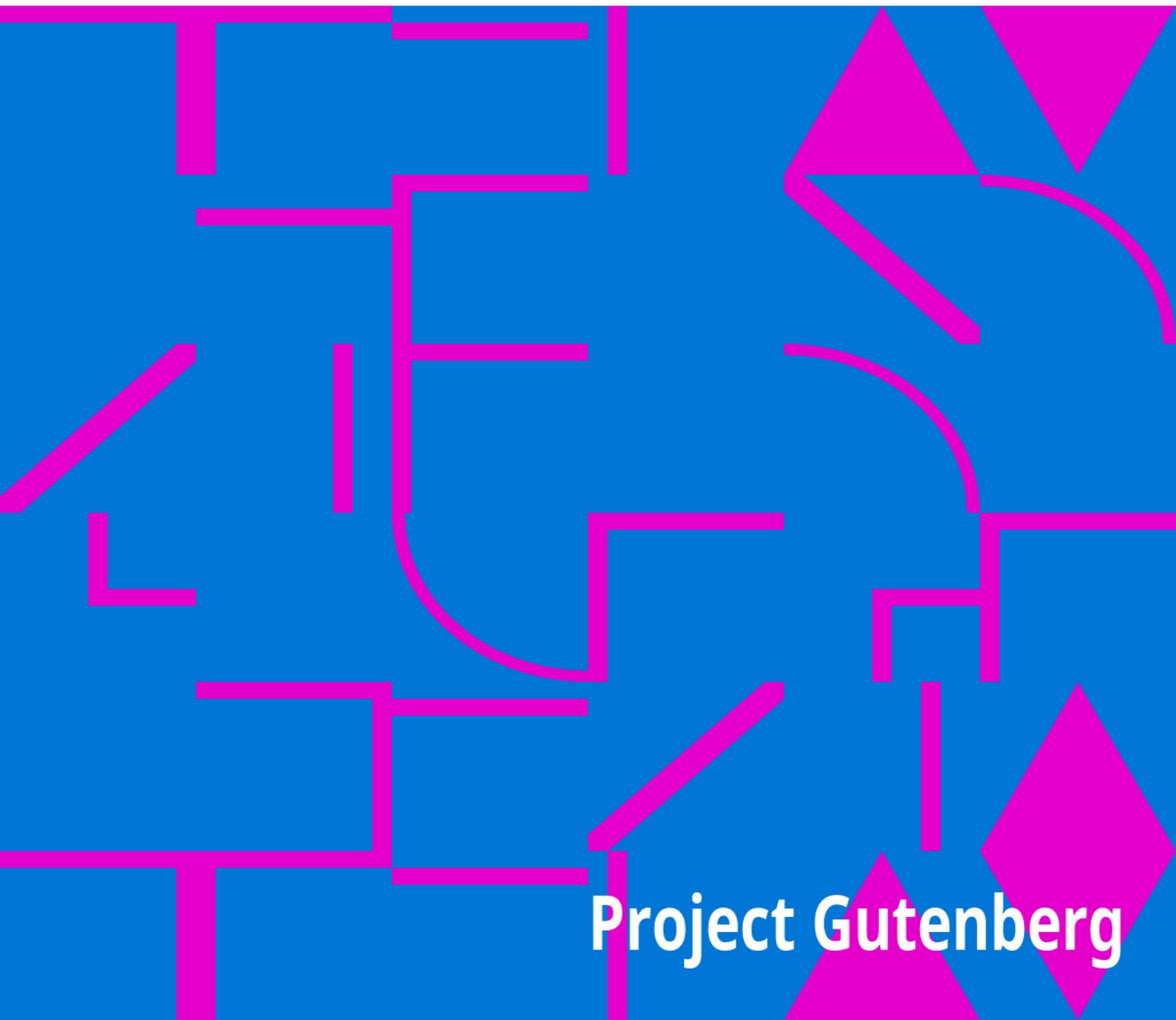


Poetas do Minho I - João Penha

Alberto Pimentel



Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Poetas do Minho I - João Penha

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Poetas do Minho I - João Penha

Author: Alberto Pimentel

Release date: May 15, 2010 [eBook #32387]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano (produzido a partir de imagens

de material em domínio público, disponibilizadas pelos Serviços de Documentação da Universidade do Minho)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK POETAS DO MINHO I - JOÃO PENHA ***

Notas de transcrição:

Nesta edição em HTML estão disponíveis duas versões do texto.

A primeira contém o texto com a grafia de acordo com o [original](#) impresso em 1894. A segunda, contém uma variante com a grafia [actualizada](#) para português europeu.

Ortografia original.

[\(Ver Ortografia actualizada.\)](#)

ALBERTO PIMENTEL

Poetas do Minho

I

JOÃO PENHA

BRAGA

CRUZ & C.^a—EDITORES

MDCCCXCIV

POETAS DO MINHO

BRAGA

TYP. «MINERVA COMMERCIAL»

José Maria de Souza Cruz

1893

ALBERTO PIMENTEL

Poetas do Minho

I

JOÃO PENHA

BRAGA

LIVRARIA ESCOLAR DE CRUZ & C.^a
EDITORES

Aquelle meu espirito opulento,
Que vivia na luz dos sonhos bellos,
Jaz ha muito nas ruinas dos castellos,
Que no ar edifica o pensamento.

João Penha.

«... Quem publica um livro não o faz para o ler, publica-o
para que os outros o leiam. Quer, portanto, produzir um
effeito qualquer, effeito que, em todo o caso, não pode ser
o do somno: para este ha o opio, a belladona e o Codigo
do Processo Civil.»

João Penha.

Ha quinze dias, João Penha e eu, sentados no mesmo banco do *americano*, vínhamos do Senhor do Monte para Braga, e conversavamos de litteratura. Nomes de auctores, nomes de livros, recordações dispersas, do tempo em que elle redigia a *Folha* em Coimbra e eu lhe enviava do Porto algum insignificante auxilio de collaborador, passavam rapidamente na precipitação^{8} tumultuante do dialogo, a cada momento interrompido pelas paragens do *tramway*, pela entrada e saída de passageiros, pela voz auctoritaria do conductor, que explicava em dialecto calaico:

—Bai cheio. Num ha logar.

Tendo João Penha alludido a mais de um dos poetas, que constituiram a constellação academica da *Folha*, para entrelembrar casos e aneddotas da bohemia coimbrã, disse-lhe eu de repente:

—Por que não escreve as suas memorias de Coimbra?

—Não tenho tempo, respondeu elle. Encheriam tres volumes.

Tres volumes, de certo, porque João Penha foi o chefe de um cenaculo numeroso, que viveu na alegria e nas lettras, que teve aventuras e triumphos, e que legou aos cursos subsequentes uma gloriosa historia ainda hoje rememorada com prestigio na tradição academica.^{9} Elle, erguido no pedestal que o voto unanime dos seus contemporaneos lhe havia consagrado, via do alto, como um idolo, toda a nervosa multidão da academia, que o adorava, observava todas as evoluções caprichosas d'essa legião gentilissima de rapazes talentosos, que se moviam em torno d'elle, conhecia todos os segredos da biographia de uma geração, que ha de ficar eternamente lembrada. Tres volumes, pelo menos, e não seriam de mais.

Mas percebe-se que lhe custe metter hombros a um labor de reconstrucção historica em que a penna seria como um estilete a revolver dolorosamente o coração saudoso do escriptor. Eu mesmo, que apenas segui de longe toda essa altivola mocidade academica, ouvindo reproduzida a distancia a sua voz no phonographo litterario da *Folha* e de uma boa dezena de poemas, eu que senti rolar até mim a lava candente do vulcão sem assistir^{10} ás tempestades explosivas da cratera, eu proprio experimento a vaga nostalgia da Coimbra d'aquelle tempo vendo envelhecer em Lisboa, na prosa da burocracia, do fôro, do professorado e do parlamento, os poetas que ha vinte annos constituíam a ala victoriosa dos novos commandada por João Penha.

E, mais infelizes ainda, os que hoje não fazem leis, nem minutas, nem aggravos, nem compendios, dormem prematuramente o somno da morte na apotheóse serena, sem invejas, mas tambem sem desillusões, d'aquelles que, como Gonçalves Crespo, brilharam pelo clarão do seu talento, e passaram como um meteoro fugitivo.

Tive Gonçalves Crespo por companheiro na Redacção da Camara dos Pares. O seu espirito doirava-se ainda de um reflexo de alegria, sem constrangimento, que era como que o ultimo elo da sua tradição academica. Tinha passado de Coimbra para Lisboa serenamente,^{11} sem tempestades da vida, que envelhecem a alma antes do alvejar da primeira cã. Na paz domestica do seu lar, a morte foi como um salteador que surprehende um viajante a dormir na pousada, e o estrangula entre dois braços de ferro n'um momento. Os outros que ficaram ainda, são como as arvores no outomno, que dia a dia vão sendo sacudidas e abaladas pela nortada agreste, que annuncia o inverno.

É difficil adivinhar hoje na melancolica indiferença de Simões Dias, que passa atravez de Lisboa com o ar desleixado de um provinciano aborrecido, aquella brilhante

alma meridional do poeta das *Peninsulares*, onde cantavam serenatas da Andaluzia e rouxinões do Mondego.

Candido de Figueiredo, cuja musa era das mais crentes, embora não fosse das mais vulcanicas, cansado de repartir os restos da sua mocidade entre a cátedra de professor^{12} e a Secretaria da Justiça, correu ao encontro da velhice, denominou-se voluntariamente *Caturra*, atirou-se às questões de philologia, e conseguiu tornar-se rabujento contra os que escrevem *aereonauta* com um e superfluo.

Este correctissimo poeta da *Folha* é hoje um suicidio ambulante. Mata-se a ensinar a lingua portugueza a quem a não quer saber. Já um ministerio lhe receitou, como distracção, o Governo Civil de Villa Real. Candido de Figueiredo viu o Marão resplandecente de neve, e não o cantou. Apenas recolheu a Lisboa, deu-se pressa em publicar *Novas licções praticas da lingua portugueza*.

Não era poeta, poeta de fazer versos, embora tivesse começado por ahi, como todos, mas tinha assomos de graciosa imaginação quando romantizava na *Folha* as lendas do alto Alemtejo, um que só doutorou em direito, e estuda e encalvece como todo o bom lente, e apenas sai dos braços de Minerva na^{13} Universidade para os braços do senhor José Luciano no Parlamento.

Esse, José Frederico Laranjo, tão amante de fallar nos palratorios de Coimbra, vai estando tão mudado hoje, que já ninguém treme de medo quando elle pede a palavra na camara.

—E Junqueiro? o nosso astral Guerra Junqueiro? perguntar-me-ha o luciolante apostolado que o rodea na cervejaria do Camanho.

Junqueiro, se houvessemos de dar credito a todas as suas apprehensões pathologicas, está «precocemente chegado,

pelo soffrimento, ao occaso da vida». ^[1] Sinceramente desejo que os factos venham desmentir esta apprehensão.

Mas Guerra Junqueiro, meus senhores, ^[14] era na Coimbra d'aquelle tempo, na *Folha* principalmente, a promessa florescente de um lyrico primoroso, depois transviado, e a meu vêr atormentado, pela preocupação constante de reformar a esthetica ^[2], a technica ^[3], o olympto dos romanticos ^[4], o paraizo dos catholicos ^[5], de fundar escola e de attingir a perfeição suprema no seu melhor livro, que, segundo o seu proprio conceito, são os *Simples*.

E talvez não sejam.

Em Coimbra, Guerra Junqueiro era, como ^[15] todos os outros, um satellyte que gravitava em torno de João Penha, o chefe incontestado, antes adorado, do cenaculo, da bohemia, e da *Folha*.

O tempo rolou a sua pesada mole por sobre as illusões d'esses rapazes que eram então a fina flôr da geração academica. D'elles, os que não estão ainda velhos por fóra, começam a descair na tristeza, não direi do occaso da vida, como apprehensivamente affirmou de si mesmo Guerra Junqueiro, mas da experiencia dura do mundo.

João Penha, o primaz da tribu, é advogado em Braga, trabalha honestamente para sustentar a sua familia. Está ao corrente de todas as novidades litterarias que a França inventa e exporta, porque as recebe directamente de Pariz em primeira mão, mas atura todos os dias, no seu escriptorio, uma chusma de clientes, que ás vezes, o que o contraria muito, o assaltam em plena rua, já depois ^[16] d'elle ter fechado o seu escriptorio ás duas horas da tarde, invariavelmente.

Outro dia, João Penha ia para o Bom Jesus do Monte, em serviço—disse-me elle—ás sete horas da manhã. A seu lado,

no *tramway*, um demandista estopante gritava para vencer a dureza de ouvido do advogado.

—O que eu quero, berrava o cliente, é ganhar a queston do rego. Porque, snr. doutor, no rego é que está a grande maroteira d'ella. (Ella era a parte contraria, uma mulher).

Questão d'aguas: a mais generalisada especie de litigios no Minho.

João Penha, de charuto ao canto da boca, ouvia imperturbavelmente resignado e silencioso. Os outros passageiros sorriam disfarçadamente das phrases equivocac do demandista. Filado pelo cliente, João Penha era, n'aquella hora, sob o céu azul, radioso de sol, uma victima do Direito, que legisla sobre regos e outras coisas mais;—do Direito que^{17} elle podera amenisar em Coimbra com as satyras escriptas na aula, com os sonetos publicados na *Folha*, com a bohemia alegre das *Caméllas* e do *Homem do gaz*.

Agora, em Braga, o Direito esmagava-o como a clava de Hercules. Fazia dó, fazia pena vêr João Penha torturado nos colmilhos de um litigante obsesso, a quem elle não podia responder, com um repente de Bocage, n'um epigramma vingador.

Não me atrevi a arrancar João Penha das garras do cliente. Mas á volta do Bom Jesus, tornando a encontrar-nos no mesmo *americano*, interpuz-me ao demandista e a elle, e conversamos de varia litteratura,—muralha da China Contra a qual esbarraram, infructiferamente, duas investidas do brácaro Chicaneau, que parecia recortado dos *Plaideurs* de Racine.

Aqui esta no que veio a dar aquelle bello espirito do maior improvisador e do maior bohemio da Coimbra de ha vinte annos!^{18}

Ó salgueiraes do Mondego, lamentai-o! Ó musa alegre da tasca das *Caméllas*, cobre de luto a tua face mésta! Ó fina flôr dos rapazes d'esse tempo, chorai por elle e.... por vós!

Colhi em Braga informações sobre o viver de João Penha transformado. Tem, como advogado, uma grande clientella posto não vá nunca ao tribunal. Mas a sua competencia em questões do civil não soffre rivalidade. Escrevendo nos processos, é um jurisconsulto de primeira ordem.

Às duas horas da tarde fecha impreterivelmente o escriptorio. Os clientes voltarão, se quizerem, no dia seguinte. Mas voltam sempre.

À noite, João Penha, invariavelmente de luvas pretas, monoculo posto, frequenta a confeitaria do Anacleto á rua de S. Marcos. Uma coincidencia leva-me a suspeitar que João Penha rivalisa na gulodice de bolos finos com o glorioso Sampaio da *Revolução*, de veneranda memoria. Vindo todos os annos á Povoia^{19} de Varzim, na epoca de banhos, é na confeitaria contigua ao *Café Chinez* que elle apparece ás noites, sempre de luvas, correctamente vestido, sobraçando ás vezes um pacotinho de doces.

Que ao menos o saboroso bôlo de côco possa adoçar as horas amargas da sua banca de advogado!

—Snr. dr., dizia-lhe o demandista quando todos apeiamos do *americano* no Campo de Sant'Anna, olhe que a queston do rego tem furo. Num m'a avandone.

E João Penha, sorrindo, voltado para mim, repetia-me:

—Não se esqueça de lêr a *Nature* de Hollinat. É soberba!

Ó salgueiraes do Mondego, lamentai-o! Ó musa alegre da tasca das *Caméllas*, cobre de luto a tua face mésta! Ó fina flôr

dos rapazes d'esse tempo, chorai por elle e... por vós!^{20}
^{21}

II

Na individualidade litteraria de João Penha ha a distinguir o poeta da bohemia, e o poeta do amor.

São dois homens reunidos n'um unico homem. O primeiro é o estudante que frequenta de noite as tascas de Coimbra, celebrisando-se nas libações e nos improvisos; que canta os paios do Alemtejo, o presunto^{22} de Lamego e os falernos da Beira; que satyrisa os lentes e adora a Cabula; que vê formar-se em torno de si o numeroso cenaculo a que preside com o applauso e a admiração da academia inteira, cuja alma, cheia de alegria e de mocidade, elle consubstancia n'uma saliente concretisação pessoal.

Os seus versos, as suas aneddotas de bohemio noctivago correm ainda hoje na tradição universitaria, impregnados d'esse fugitivo *sachet* de vida antiga, que é a gloria melancolica dos velhos e o ideal ambicioso dos novos.

A baiuca da Camêlla, sem elle, ficou solitaria como um templo vasio.

Os que foram da geração de João Penha ainda de certo o recordam hoje de monocolo no olho, capa traçada, n'uma attitude elegante e vigorosa de Apollo de Belvédère, cantando no templo, sob um imaginario baldaquino de folhas de parra verdejando esmeraldas, a alegria eterna da alma rubra do alcool.^{23}

Oh vós, que do canto sois velhos freguezes,
Ouvi d'estas lyras o mélico emprego!
Nós somos as gêmas, os bifes inglezes,
Os paios das filhas do claro Mondego.

Sorri-nos a vida nos calices cheios.
Dos roixos falernos das parras da Beira;
Sorri-nos a Céres dos túmidos seios;
Sorri-nos dos bosques a Venus ligeira.

Nos mostos papyros da sciencia moderna
A droga se encontra que ao somno convida;
Queimémol-os todos, que só na taberna
Os livros se encontram da sciencia da vida.

Ao vento os cabellos! por montes e valles
Corramos no passo das gregas choréas!
Bachantes das praças, vibrae os cymbales!
Abri-nos as portas, gentis Galathéas!

A lenda das noites das Camêllas, personificada em João Penha, subsistiu como uma das seducções tradicionaes da vida academica.

Antonio Nobre, que eu julgo ser, de todos os poetas novissimos, o que tem mais poderosas faculdades para traduzir as impressões da alma moderna, torturada pela nevrose,^{24} confessa a suggestão d'essa lenda bohemia, que reproduz a Poesia ardendo como uma pyra sobre o tampo dos toneis impantes:

..... A Tasca das Camêllas
Para mim, era um sonho, o ceu cheio de estrellas.

Mas quando Antonio Nobre chegou a Coimbra, uma barreira de vinte annos, espessos como vinte seculos, separava da tasca das Camêllas a pessoa do doutor João Penha, advogado nos auditorios de Braga. A alma espumante e radiosa das noites da bohemia partira-se como a tapa das ultimas libações; partira-se, e partira. No templo reinava o luto silencioso das lendas de antigos castellos abandonados por

principes cujo destino é ainda um mysterio. E Antonio Nobre, relanceando os olhos tristes pela solidão tenebrosa, teve esta explosão de desespero truculento:

Tia Camêllas... só ficou a camellice.{25}

O que lembra uma situação analoga cantada por Delille nos *Jardins*:

..... Telle jadis Carthage
Vit sur ses murs détruits Marius malheureux.

Dir-se-ia que tinham desaparecido com João Penha e com o seu tempo essas télas vivas de Van Laar, que revestiram as paredes das Camêllas; painéis pagãos, dignos de Ticiano e de Poussin, onde a Fabula parecia sorrir ainda, coroada de pampanos, no verso bachico do auctor do *Vinho e fel*:

Dá-me esse onagro de vigor silvestre,
E os ôdres fundos, oh Sileno antigo:
Ensina-me na dor: só tu és mestre.

Dir-se-ia que a rija cimitarra do vandalismo havia despedaçado algum marmore de Pradier em que uma Bachante andaluza, cingida nos braços de um Satyro inspirado, parecia entoar um dithyrambo amoroso, cortado{26} de evohés e de beijos, e de que só restava, inscripto no sôcco da escultura mutilada, um sonetinho de João Penha:

Oh poetas d'agua fria!
Dizei-me: a vossa musa.
Será como a andalusa
Que as noites me abrevia?

Olhai-a: que poesia!
Na dórna da Arethusa
Lá enche agora a infusa
De classica ambrosia,

E aos labios de cereja
Eleva, airosa e rindo,

O copo de cerveja!

Oh quadro novo e lindo!
Musas, chorai de inveja,
Musas, descei do Pindo!

Ainda rescaldam nos «cavacos» da academia as aneddotas, os episodios das noites das Camêllas no tempo de João Penha. É capitosa a tradição d'essa bohemia extincta, que^{27} sôa ao longe, e que exalta a imaginação dos rapazes. Para Antonio Nobre era um «sonho», que o attraiu a Coimbra, como a devoção de Meca attrae o arabe.

Elle tinha de certo ouvido contar que João Penha, entrando na Tasca sem perder a donairosa compostura de um *gentleman*, que jamais esquecia as luvas e o charuto, se limitava a esvasiar uma «taça», nome aristocratico com que nas Camêllas a bohemia nobilitava o copo. E que, ao ouvido da Tia Maria, João Penha, com o ar de uma discrição cheia de orgulho e de mysterio, segredava:

—Repita a dóse para um envergonhado, que está ali fóra...

Na sombra do limiar, entreaberta a porta, João Penha esvasiava a segunda «taça», simulando passal-a á mão de um embuçado de melodrama.

Antonio Nobre conhecia a tradição, a anecdota, o pittoresco da lenda, mas, quando^{28} chegou a Coimbra, apenas restava da bohemia de João Penha, na Tasca das Camêllas e na Via Latina, a lembrança de que passára outr'ora por ali uma onda de mocidade alegre, que o tempo seccou.

Tia Camêllas... só ficou a camellice.

A tradição em Coimbra, um advogado em Braga, eis o que resta de João Penha bohemio.

Mas ainda hoje os rapazes que passaram pela Universidade vem contar as satyras, os epigrammas que elle deixou gravados na memoria das gerações.

Todos elles sabem de cór o famoso caso do incendio, que João Penha noticiava para Braga, ao irmão, como tendo sido uma calamidade biblica, um castigo do ceu, que o deixára despojado de todos os seus escassos haveres de estudante:

Foi um incendio voraz!
Parecia a propria Gomorra!^{29}

E os manes do doutor Adrião Forjaz velam de pudor a face ouvindo repetir, na chalaça de Coimbra, a phrase attribuida aos labios castamente impollutos de uma bôca impecavel, onde só os eufemismos florião como lirios brancos.

Conheci em Lisboa, de o vêr no parlamento, o irmão de João Penha, tambem advogado, e n'esse tempo deputado por Braga.

Contava-se em Coimbra que o poeta, encarecendo as virtudes do irmão, costumava dizer d'elle:

—O seu unico vicio sou eu.

De improvisos feitos na aula, escriptos sobre o joelho e transmittidos de bancada em bancada, ficou em Coimbra memoria imperecivel, que irradiou até á raia do Minho e até á raia do Algarve, como uma lenda nacional.

Perderam-se para a bibliographia os dois jornaes, o *Zabumba* e a *Gaita de folles*, que^{30} João Penha publicou na *Sebenta*, no quarto e quinto anno; mas as quadras e sonetos, em que a alegria mordaz esfusiava diariamente n'essas folhas avulsas, salvaram-se para a tradição, que ainda hoje os repete, como se estivessem sendo lidos, nas noites de Coimbra. Quantas vezes não tenho eu ouvido recordar em

Lisboa muitos dos epigrammas de João Penha, improvisos feitos nas aulas, como, por exemplo, o do Pinto Lambaça!

Em pé, diante do Brito,
Dá lição Pinto Lambaça:
Parece a voz do Infinito
A sair d'uma cabaça!

E aquell'outro apontado ao nariz vermelho de Tamagnini Encarnação?

Tamagnini Encarnação
Tem na ponta do nariz
O colorido feliz
De uma rosa do Japão.^{31}

E ainda aquelle que joga de vocabulo com o nome do condiscipulo Ennes:

A lettra dos teus assumptos
Bem nos demonstra quem és:
Vale dois *nn* bem juntos,
É lettra de quatro pés.

Ha poucos dias, no *In illo tempore* das *Novidades*, li o epigrama com que João Penha alvejou a gastronomia proverbial do doutor Sanches da Gama:

Dizem que o Sanches embirra
Que lhe vão pedir dispensa.
Forte asneira!
—Imagina que lhe pedem
A despesa
Onde tem a salgadeira...

Agora e sempre me parece novo em folha o famoso soneto *A um doutor Pedro*, que póde ser considerado, o soneto, como inexcédível na profundidade do conceito. Pelo que^{32} toca ao doutor, a tradição universitária apenas o considera inexcédível no esguio da figura;

E vimos uma forma horrenda e bruta
Surgir do lôdo vil com gesto iroso,
Como out'rora, no Cabo Tormentoso,
O velho Adamastor de barba hirsuta.

—«Quem és tu?» eu lhe disse.—«Bardo, escuta,
(Bramiu com voz ingente e desdenhoso)
Eu sou no espaço infindo e luminoso
O verbo ideal da estupidez corrupta.

«Na terra sou Penedo: e o mar violento,
O mar das sciencias vãs da humanidade,
Já quiz vencer-me, e foi baldado o intento!»

Disse. E ouvimos n'aquella obscuridade
O cantico d'um tremulo jumento:
—Era o preito da terra á Immensidade.

Sobre os inextinguíveis vestígios d'esta satyra teem
caminhado as gerações subseqüentes, cantando o doutor
incommensuravelmente filiforme. Antonio Nobre também
molhou a^{33} sua sôpa no capêllo que encima o zingamôcho do
cathedratico zangaralhão:

Ó Pedro da minh'alma! meu amigo!
Que feliz sou, bom velho, em estudar contigo!
Mal diria eu em pequenito, quando a ama,
Para eu me callar, vinha fazer-me susto á cama
Por ti chamava: Pedro! e eu socegava logo,
Que eras tu o *Papão*! A ama, de olhos em fogo
Imitava-te o andar, que não era bem de homem...
Eu tinha birras:—Ahi vem o lobishomem!
Dizia ella.—Bate á porta! Truz! truz! truz!
E tu entravas, Pedro, eu via! Horror! Jesus!

Nas mais allucinantes tempestades de entusiasmo
academico a musa de João Penha era a sarça ardente que
prendia todos os olhares, attraia todas as atenções pela
originalidade fidalga do conceito, e pela gentileza patricia do
verbo flammejante, como no soneto *A uma rabequista*:

Eu dera um litro do meu sangue azul,
(Oh meus avôs, não fulmineis o hereje!){34}
Só por beijar-te, no chapim taul,
O pequenino pé, que orquestras rege!{6}

A respeito d'esta rabequista, que era uma italiana lindissima, dizia-me ha pouco João Penha:

—O Manoel da Assumpção queria casar com ella e eu dissuadi-o d'esse intento... por ciumes.

Pobre Manoel! elle foi o primeiro romantico do seu tempo, como João Penha foi, na{35} phrase de Gonçalves Crespo, o ultimo estudante de Coimbra.

N'aquella quadra, como na organização artistica de João Penha, incluindo a sua modalidade de bohemio, ha um cunho brazonado de *vieille roche* das letras. Conservador como a melhor nobresa parisiense do bairro Saint Germain, elle ama a tradição da Arte, os velhos pergaminhos da lingua, a lição classica dos mestres, a compostura aristocratica da phrase, que não chega a desfraldar-se no epigramma, nem a esbagaxar-se na satyra. Canta o Paio de luva branca, sem que fique na pellica uma nodoa de gordura. Canta o Vinho, sem entornar no collarinho a mancha roixa da bôrra. E se passa da tasca das Camêllas para o salão nobre da Poesia madrigalesca, substitue facilmente a batina rôta pela casaca broslada, é um cortezão de Luiz XIV quando empunha a taça, refulgente de aureas facetas, para brindar as damas delicadas:

{36}

D'este copo de vinho generoso
Dai-me que eu tire o alento que desejo,
Para que o novo canto, sonoro,
Desfira na guitarra em doce arpejo;
E já que estou devéras amoroso,
Aproveito apressado um tal ensejo
Para erguer á leitora, que me escuta,
Um brinde que me deixe a taça enxuta.

Tal é, rapidamente tracejado, o perfil lendário de João Penha bohemio, do poeta da alegria e da mocidade, que improvisava nas tascas do *Homem do gaz*, do *Varão do Luxemburgo*, do *Conselheiro Rodrigo*, e da *Tia Maria Camêlla*.

Mas esse improvisador errante, que a borgia arrastava de taberna em taberna, não descalçava nunca as luvas, nem para beber, nem para cantar. Era um artista de raça, que adorava o primor da fôrma. Sob este ponto de vista João Penha e a *Folha* exerceram uma sensível influencia. O soneto da escola italiana, tão abandonado como antiquilha árcade depois de Bocage, resurgiu no acuro parnasiano^{37} de João Penha. E todos os da *Folha*, que navegavam na esteira do mestre, sahiram excellentes artistas no cinzelamento esculptural da fôrma litteraria: Crespo, Junqueiro, Simões Dias, Candido de Figueiredo, etc.^{38}

^{39}



Para João Penha, como poeta lyrico, o amor parecia não ser mais que uma idealisação, uma phantasia de artista.

Eu não encontrava, nos sonetos do *Vinho e Fel*, a abstracção absorvente de Petrarcha, a paixão abrasadora como lava, o Vesuvio que vulcanisa o coração, reduzindo-o a cinzas.

A Ironia andava de braço dado com o^{40} Amor, no lyrismo de João Penha, mais como um effeito pittoresco da Arte, suppunha eu, do que como a crua expressão da Verdade.

Não descobria atravez das *Rimas* o typo constante, persistente, de uma mulher, embora se me affigurasse que de

recordações avulsas e de perfis diferentes creára o poeta o elemento feminino dos seus poemas.

Nunca os versos de João Penha me deram, na taça do *Vinho e Fel*, a impressão de uma grande catastrophe psychologica, que lhe precipitasse a alma na voragem do scepticismo.

Parecia-me que a sua musa obedeceu á orientação romantica, que se comprazia em polvilhar de gottas de fel, como um effeito decorativo, puramente ornamental, a corolla das flôres ideiaes do Sentimento.

É verdade que no escriptorio das Rimas havia a miniatura de uma mulher, mas eu considerava-a, se me permitem a expressão, um retrato de phantasia:{41}

Um rosto encantador, quasi moreno,
De uns grandes olhos verdes animado:
Negro o cabello, em tranças ennastrado;
Correcto o supercilio, iris sereno;

Vermelho o labio, sorridente e ameno;
Breve a cintura; o collo, assetinado;
Um donaire, das outras invejado;
Magras as mãos; o pé, leve e pequeno:

Eis a dama por quem chorando anhélo!
Rival das graças do cinsel iónio,
Mas fria como a neve: o meu flagello!

Eis a minha Nathercia, o cruel demonio
Por quem vivo perdido, mas tão bello
Que nem lhe resistira Santo Antonio!

Este soneto affigurava-se-me como o primeiro elo de uma concepção artistica de poeta, de um plano litterario preconcebido, que visava a produzir effeitos pela antithese do Amor e da Ironia, pelo contraste da veia alegre do bohemio com a inspiração sentimental do lyrico.

Assim não tardava muito que a musa dicaz do epigramma deixasse cair sobre o retrato da{42} primeira pagina o peso de um paio roliço de Lamego, que se esborrachava em rúbidas gorduras sobre a miniatura delicada:

Mal pode phantasiar-te a mente accêsa
Tão gentil como quando, venturoso,
Te vi a vez primeira, ébrio de goso,
Estatico de pasmo e de surpresa.

Que prodigio de esplendida bellesa!
Que labios, que sorrir, que olhar piedoso!
Que opulento cabelo... um mar undoso
Onde escondêras a gentil nudeza!

Assentada n'um banco de verdura,
Junto á margem do múrmuro Mondêgo,
De um Corregio vencêras a pintura.

Ai! perdi, desde então, paz e socego:
Se estavas tão graciosa em tal postura,
E comias um paio de Lamego!

E logo, como na travacção logica de um poema, cuja traça foi gisada calculadamente, o paio continuava a materialisar a desillusão do poeta, que não encontrava na realidade{43} da vida a mulher ideal das suas noites de phantasia romantica.

O paio parecia-me na obra de João Penha um symbolo de salutar desengano para os que criam na espiritualidade ethérea da mulher e que, regressando alquebrados do Paiz do Sonho, ainda podem achar rehabilitação salvadora na despesa, no *réstaurant*, e na cava.

És minha, és minha, oh venturoso fado!
Cedeste á chamma que em meu peito alento!
Chegou por fim o divinal momento,
O dia de meus sonhos anhelado!

O ceu, ha pouco tórvo, eil-o azulado:
Sussurra esmorecido ao longe o vento;

Esplende o sol no ethereo firmamento;
Recende aromas o florente prado.

Quando ha pouco a teus pés (oh quadro lindo!)
Te disse o meu amor, em doce esmaio
Senti volupias de um prazer infindo.

Oh camênas agricolas, cantai-o!
Ella, a minha formosa, ella fugindo,
Deixou-me o coração, deixou-me o paio.{44}

Desfeito o sonho, fica nas mãos do poeta como um refem da sua esperança perdida, das suas illusões derrotadas, o paio,— a porção mais subjectiva do *eu* espiritual da dama, o paio, um symbolo, o paio, uma philosophia, como o porco do rebanho de Epicuro, *Epicuri de grege porcus*.

Se alguma duvida pudesse restar sobre a interpretação d'este symbolo culinario, que atravessa toda a obra do poeta, bastaria a desvanecêl-a a clara exegése d'este soneto:

Aquella Rosa branca, a flor mais viva
Dos jardins olorosos de Granada,
Já não parece a flor enamorada,
Triste por viver só, viver captiva.

Outr'ora, em seu mirante, pensativa,
Muitas vezes a luz da madrugada
A via entre boninas, enlevada,
Nos sons d'uma guitarra fugitiva.

Agora, a Beatriz do Poeta abstruso,
A Elleonora das canções do Tasso,
A Nathercia gentil do cantor luso,{45}

Sol perdido em nevoeiro escuro e baço,
A citharas prefere a roca e o fuso,
Aos meus cantos,—presuntos de Melgaço!

Sente-se na symbolica de João Penha a alma alegre de uma geração que teve sangue, que teve vigor, que adorou a vida porque a podia gosar.

Respira-se ahi o aroma aperitivo de um succolento jantar fradesco, como na antiga cosinha dos bernardos de Alcobaça, que ainda hoje, apesar de vasia, dá a impressão do apetite saluberrimo da ordem de Cistér.

Como que se ouvem os passos dos leigos conduzindo da copa os cangirões bojudos, da ucharia as viandas gelatinosas, e da frescura dos coutos, regados por agua diamantina, as fructas deliciosas e maduras.

Um braço invisivel parece encaminhar o nosso espirito á vasta mesa do refeitório cisterciense, onde a gula monastica levanta castellos de comesana macissa, que o apetite^{46} voraz ha de em breve vencer e desmoronar.

Sóbe ao pulpito, enquanto os outros devoram pingues virtualhas, um prégador aguado, que, com os olhos postos no gordo repasto, falla, sem fé e sem uncção, da diabolica attracção dos sete peccados mortaes, que os setecentos filhos de S. Bernardo ali reunidos devem a todo o custo evitar.

E especifica: a soberba, a avareza, a luxuria...

Deglutindo truculentamente, um velho frade, saturado do mundo, dirá para o fundo do prato com os seus botões:—Que mulher conheci eu por lá que valesse esta bella petisqueira d'Alcobaça?

Assim João Penha, como o bernardo guloso, exclama no soneto:

Cantai-me a vida, e o sonho transitorio!
Cantai, enquanto á dor busco remedio
Nos vastos caldeirões do refeitório.

A raça, no breve lapso de vinte annos,^{47} hysterisou-se excessivamente em nervosismos e melancolias, que allucinam funebremente o cerebro dos poetas modernos.

Vede bem! João Penha cantava o Paio, celebrava o Presunto, preconisava a Vida, ao passo que Antonio Nobre deixa entenebrece o seu espirito no symbolismo tetrico da *Velha* (a morte) e do *Hotel da Cova* (a sepultura).

E, todavia, Coimbra, onde um gozou e o outro se aborreceu, continua a ser talqualmente a mesma, pesa sobre a Universidade a mesma Torre de pedra, sobre os hombros do doutor Pedro a mesma Torre de sciencia, ha o mesmo cheiro a lente cathedratico e a bolôr auctoritario, a Pandecta rançosa falla ainda mais alto que toda a concepção do Direito moderno explanada pelo snr. M. Fratel, porque, n'essa Coimbra vetusta, ha só uma coisa que falla mais alto que a Universidade,—é a *Cabra*.

Continuando o *meio* a ser o mesmo, sendo^{48} mesmissima a atmosphaera social onde a mocidade academica respira, é claro que a variedade das impressões recebidas se ha de explicar pelas condições especiaes, tanto psychicas como physicas, do individuo que as recebe.

Assim, pois, temos em João Penha a musa viva que floresce o amarantho, rubro como a purpura e como... o paio: em Antonio Nobre temos a musa languida que desabrocha a pállida cecém, perfumada, mas branca como a neve.

Depois de haver escripto a *Carta a Manoel*, Antonio Nobre, sedento de ideiaes consolativamente calmantes, vai, luziada errante, procurar a Vida no Bairro Latino, e lá mesmo se encontra só e desgraçado.

João Penha, durante o seu tempo de Coimbra, saltou, como um funambulo, por sobre todos os desgostos do amor intimo, sem entornar a taça repleta de phalerno.^{49}

Não ha dôr que resista a um vinho ardente,
Nem ao facil amor de uma hespanhola.

Porque a verdade, ao contrario do que eu e outros poderíamos suppôr de longe, enganados pela apparencia picarescamente ironica dos versos de João Penha, a verdade é que elle amou, embora não andasse ltuosamente vestido de almáfega, nem passeiasse merencorio e sinistro como os bardos melodramaticos, que aliás caricaturou.

Os humoristas levam ás vezes a estes erros de apreciação, porque, em vez de fazerem da sua dôr um poema, segundo a expressão de Goethe, fingem que lhe sopram, como a uma nuvem de fumo, para dissipal-a...

No fundo da biographia de João Penha está effectivamente a memoria de um amor, que inspirou *O Vinho e Fel* e *O Tancredo*, poema no genero do *Onofre*, e que, como muitas outras composições, perdidas, ou publicadas em jornaes, não sahiu nas *Rimas*.{50}

—Nós em Coimbra, dizia-me João Penha, bebiamos, não para apagar a sêde ou para afogar paixões,—mas para dar tom aos nervos e activar os movimentos do machinismo intellectual. Todavia não deve esquecer-se que o vinho é o grande consolador dos tristes: *date vinum moerentibus et lætobunt...*

Esta phrase rasga o véo de um segredo, que o vinho letificante diluiu na taça da bonomia.

Mas ri-se como quem chora,
O bardo das scenas varias,
Qual ri o mocho sombrio
Sobre as loisas funerarias.

A noite na adega esconsa,
D'uns candís á luz escassa,
Quantas vezes não procura
O esquecimento na taça!

.....
Que já li sobre uma lage,

Occulta, n'umas cavernas,
Este sinistro epitaphio
Do phantasma das tabernas:

«Aqui jaz o bardo triste
Junto á bella Carolina:{51}
Riu-se a bella do rapaz,
Riu-se o rapaz da menina.»

Mais de um rugido de paixão leonina estruge na adêga
esconsa, á luz fumenta dos candis, enquanto a tia Camêlla
despeja do pichel um gorgolão vermelho de phalerno:

Venho pedir-te o retrato
Que te dei por amizade:
Não quero servir de ornato
Nos alcouces da cidade.

Quero laval-o nas ondas,
Que gemem na praia agreste,
D'aquellas manchas hediondas
Dos beijos que tu lhe déste.

Quero arrancar-lhe a moldura,
O teu cabelo, e trocal-o
Por uma trança mais pura
Das crinas do meu cavallo.

Estes gritos de desespero fazem lembrar aquella sação
plena de romantismo, em que Dumas Filho obtinha um duplo
triumpho no romance e no palco quando Armand Duval
arremessava a bolsa recheiada de oiro á face de Margarida
Gautier.{52}

És da raça dos Borgias! vocifera o poeta, mas traça a capa
de estudante, e vai procurar o contra-veneno da paixão

... nos bôjos da amphora vetusta.

Diz Gonçalves Crespo que a mulher amada do poeta poz,
um dia, o pé no estribo, e partiu para Lisboa. Mas a verdade é

que quem partiu foi elle, deixando-a a ella, aos sinceiraes do Mondego, ao Paiz azul do sonho e á vida murciana de Coimbra. N'essa hora surgiu mais um advogado em Braga.

Poderiam, erradamente, suppor-o voluvel, inconstante no amor os que não conheciam os segredos da sua biographia, que a resposta não tardava, prompta e cabal:

Mais frio que Blondin sobre o Niagára,
Julgas minh'alma em vis paixões accesa;
E comtudo nas ostras da bellesa
Eu só procuro o amor, perola rara.

Mas, não encontrando a perola rara, tomava^{53} o partido de comer ostras, temperando-as com pimenta e limão, e com o sorriso tolerante de Pangloss, para quem tudo era pelo melhor no melhor dos mundos possível.

Convém notar que João Ponha deu o titulo de *Lyra de Pangloss* a uma das subdivisões das suas *Rimas*.

Sahindo de Coimbra, não chorava sobre as ruinas dos seus sonhos desfeitos, das suas illusões perdidas. Vinha desenganado, mas gordo. O espirito,

Aquelle meu espirito opulento,
Que vivia na luz dos sonhos bellos,

vira morrer os «ultimos anhelos», mas resistira, graças ao sabio formulario do doutor Pangloss. E o corpo, sadio e forte, continuou a florescer

... em tão doce obesidade,
Que dentro em pouco me vereis no transe
De tomar ordens e fazer-me abbade.

A gente sahe da leitura das *Rimas* tão bem^{54} disposta como João Penha sahiu de Coimbra.

Ordinariamente um livro de versos, especialmente os modernos, deixam no nosso espirito a impressão de um cemiterio sombrio, umbroso de cyprestes e chorões, dealbado de mausuleos luarentos, como diria um nephelibata, e de cruces tiritantes de frio na gelida nudez do marmore.

Pelo contrario, as *Rimas* de João Penha são como um pomar do Minho, uberrimo e cantante, onde a côr dos fructos se tinge de tonalidades sadias, onde o despenho da agua sobre a relva viçosa espuma em borbotões sonoros, e onde os passaros, nas latadas verdes, assobiam n'uma bambochata feliz de collegiaes em liberdade.

É com a impresão de ter visitado um d'estes pomares feracissimos e alegres que a gente fecha o volume das *Rimas*.

{55}

IV

Em litteratura, João Penha é hoje, como hontem, um conservador convicto, um idealista, um romantico, intransigente, mas brilhante de originalidade saudavel.

As suas opiniões são conhecidas.^[7]{56}

Para elle a escola romantica, sem estar subordinada a uma unica e determinada philosophia, porque não ha relação proxima ou remota entre os seus trez grandes poetas, Lamartine, Hugo e Musset, resistirá a todos os golpes que lhe vibrem os revolucionarios da litteratura, será eterna, porque eternamente o homem «perseguido pela realidade, se refugiará, pelo menos durante algumas horas do seu dia, no mundo das illusões.»

Na escola romantica, o que impressiona, o que commove, é a obra em si mesma, ao passo que na escola naturalista apenas se admira o auctor pelo seu talento de observação.

João Penha distingue entre escola naturalista e escola realista: n'aquella, é licito admittir «personagens excepcionaes, casos que não sejam communs»; n'esta, os modelos são vulgares, «as cousas são descriptas, não como o artista as possa vêr, mas como a multidão as vê.»^{57}

Notarei, de passagem, que n'esta subdivisão, João Penha parece ir mais longe do que Emilio Zola, o qual envolve na mesma formula o naturalismo e o realismo. O famoso auctor do *Roman expérimental* adoptou como formula generica o naturalismo, que é velho, porque data de Homero, e que define: «o regresso á natureza e ao homem, a observação directa, a anatomia exacta.»

Mas, para Emilio Zola, pouco importa que os modelos sejam excepcionaes ou vulgares, que estejam no sette-estrello ou no charco, no alto ou em baixo.

«Quand j'ai lu un roman, je le condamne, si l'auteur me paraît manquer du sens réel. Qu'il soit dans un fossé ou dans les étoiles, en bas ou en haut, il m'est également indifférent. La vérité a un son auquel j'estime qu'on ne saurait se tromper.»

Comtanto que o artista haja tomado como ponto de partida o estudo dos corpos e^{58} dos phenomenos, pouco parece importar a Zola que os corpos girem no azul ou na terra.

Eu não estabeleço differença entre naturalismo e realismo, que considero synonymos: acho que procurar a realidade é investigar a natureza, seja nos modelos excepcionaes, em que a natureza capricha ás vezes, seja nos modelos vulgares, em que a natureza se repete todos os dias.

Tornando, porém, ao ponto, João Penha não admite, nas obras do espirito humano, senão dois efeitos: o de instruir e o de commover.

A formula de Zola, procedendo da analyse, caminhando na orientação da medicina experimental de Claudio Bernard, constitue uma obra de sciencia, que pretende guiar o espirito na investigação da verdade.

Não sensibilisa, não evola a alma até á região do sonho; pelo contrario, prende-a á terra, á realidade, como uma algema, um Prometheu.^{59}

Portanto está fóra da esphera da arte, que é fundamentalmente suggestiva e emotiva.

Por isso Alexandre Dumas será eternamente lido, ao passo que os editores franceses se téem visto na necessidade de ir alijando as edições dos copistas da realidade por meio de uma tombola, a franco a entrada.

A profissão de fé litteraria de João Penha, exposta no prefacio da *Tristia*, não abrange a moderna escola poetica, chamada, entre nós, dos *nephelibatas*.

Mas a sua opinião sobre esta escola poderia deduzir-se do ardor com que defende as tradições do idealismo romantico, se eu ainda ha poucos dias não ouvisse, nitida e firmemente explanado, o parecer de João Penha sobre a obra recente dos novissimos:

—Não transijo com essa escola, disse-me elle. Não admitto poesia sem rythmo, como não admitto musica sem compasso. O verso sem cesura e sem medida, é prosa.^{60}

E dizia-m'o com aquella rispida firmeza de convicção com que Theophilo Gautier escrevera: «Vouloir séparer le vers de

la poésie, c'est une folie moderne qui ne tend à rien de moins que l'anéantissement de l'art lui-même».

Quando eu estava ouvindo as palavras de João Penha, lembrava-me da frase de Junqueiro nos *Simples*: «A forma poetica encaminha-se á solução final. Horizonte immenso.»

Horizonte immenso, sim, porque já não ha medida para o verso, que vai até onde quer ir. De outro modo não percebo a phrase de Junqueiro. Os limites da metrificacão portugueza estão definidos e marcados, não há por onde variar, sem quebra da arte e do genio da lingua. Castilho introduziu na forma poetica a novidade dos exdruxulos italianos, e combateu a peito descoberto pela nacionalisação dos alexandrinos francezes. Thomaz Ribeiro, no *D. Jayme* e na *Delphina*, percorreu todos os metros admissiveis^{61} na versificação portugueza, empregando o de treze syllabas, que já era demasiadamente violento para o rythmo organico da lingua portugueza. E, feito isto, elle proprio reconheceu que, por amor da variedade, se poderia tentar ainda a medição latina e resuscitar a toante castelhana,^[8] Mas os poetas que vieram depois, rapazes cheios de talento e conhecedores da arte, porque todos elles a respeitaram até certo tempo, acharam que não valia a pena experimentar a metrica latina e restaurar a toante dos seiscentistas (que a meu vêr não era menos monotona que o *refrain* dos nephelibatas): nada d'isto fizeram, preferiram escrever versos de longo curso, com quinze e mais syllabas, intercalaram rubricas em prosa no estiramento kilometrico do verso, e para que o alexandrino perdesse a harmonia que provinha da fusão^{62} de dois versos de seis syllabas, fizeram-n'o tripartido, privando-o da cadencia que deleitava o ouvido.

Percebe-se que João Penha, que já em Coimbra dizia a um renegado do romantismo

Prosa e verso têm balizas,

exija ainda hoje uma coisa, que parece ser fundamental e logica: que os poeta escrevam em verso e os prosadores escrevam em prosa. Quanto á pureza da lingua, João Penha não se mostra menos intransigente. Ainda o anno passado lembrava elle ao snr. Anthero de Figueiredo o conhecido conselho de mestre Boileau:

Sans la langue... l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain.

Assim, pois, não lhe regalarão decerto o ouvido puritano as innovações barbaras de quasi todos os poetas modernos, alguns de incontestavel^[63] valor, á parte os vicios de escola, como por exemplo o snr. Julio Brandão, quando diz:

E citharas balança um côro vago de *pucellas*.
Rostos morenos, *brunos*, pallidos, divinos.

Espero apreciar em breve, individualmente, a cohorte revolucionaria dos modernos poetas portuguezes. Ver-se-ha então que admiro a concepção genial de uns, e que faço justiça a todos.

Mas encontro-me com João Penha no que reputo a disciplina indispensavel da arte e da lingua, comquanto bastasse talvez dizer—da arte. E estou em opposição a Guerra Junqueiro quando affirma que a modernissima evolução poetica rasga horisontes inéditos, «sobretudo no ponto de vista da fórmula e da expressão.»^[9]

P. de Varzim—Novembro de 1893.

FIM

[1] Palavras suas em anotação ao volume dos *Simples*.

[2] «D'uma visão mais íntima e profunda do universo germinaram em mim novas emoções, e portanto *uma nova arte*. O poeta renasceu e cresceu. Fecundo renascimento psicológico, e não apenas uma evoluçõesinha toda literária, meramente verbal e de superfície.»

[3] «Emquanto á technica do poema, muitissimo havia que dizer, se esta nota não fosse escripta rapidamente, com o impressor á espera.»

—Notas aos *Simples*.

[4] *Morte de D. João*.

[5] *A Velhice do Padre Eterno*.

[6] A plastica d'esta quadra foi alterada na sua transplantação da *Folha* para as *Rimas*.

Déra um quartilho do meu sangue azul
(Oh meus avós, estremecei na campa!)
Por dar-te um beijo no chapim taful,
Que esconde um pé, de se gravar na estampa.

Tal era, na *Folha*, a primitiva feitura. A originalidade do pensamento nada perdeu, e o systema metrico decimal foi respeitado. Dizer-se que os bachareis em direito são os primeiros a desacatar a lei!

[7] Expostas no prefacio á *Tristia* de Anthero de Figueiredo.

[8] *Vesperas*; pag. 219.

[9] Prefacio ao *Livro de Aglaïs*.

Preço 250 reis

A collecção de monografias que hoje encetamos patrioticamente, não obstante a apathia do mercado litterario, abrangerá, do modo mais completo possivel, a larga e gloriosa lista de *todos* os poetas modernos do Minho.

O auctor dedica os seus dois primeiros estudos a JOÃO PENHA e ALMEIDA BRAGA, que nasceram na capital da provincia, mas traçará, seguidamente, o perfil de outros poetas brilhantes, nascidos em Guimarães, Vianna do Castello, Barcellos, Ponte do Lima, etc.

Ortografia actualizada.

(Ver Ortografia original.)

ALBERTO PIMENTEL

Poetas do Minho

I

JOÃO PENHA

BRAGA

CRUZ & C.^a—EDITORES
MDCCCXCIV

POETAS DO MINHO

BRAGA
TIP. «MINERVA COMERCIAL»
José Maria de Sousa Cruz
1893

ALBERTO PIMENTEL

Poetas do Minho

I

JOÃO PENHA

BRAGA

LIVRARIA ESCOLAR DE CRUZ & C.^a
EDITORES

Aquele meu espírito opulento,
Que vivia na luz dos sonhos belos,
Jaz há muito nas ruínas dos castelos,
Que no ar edifica o pensamento.

João Penha.

«... Quem publica um livro não o faz para o ler, publica-o para que os outros o leiam. Quer, portanto, produzir um efeito qualquer, efeito que, em todo o caso, não pode ser o do sono: para este há o opio, a Beladona e o Código do Processo Civil.»

João Penha.

I

Há quinze dias, João Penha e eu, sentados no mesmo banco do *americano*, vínhamos do Senhor do Monte para Braga, e conversávamos de literatura. Nomes de autores, nomes de livros, recordações dispersas, do tempo em que ele redigia a *Folha* em Coimbra e eu lhe enviava do Porto algum insignificante auxílio de colaborador, passavam rapidamente na precipitação^{8} tumultuante do diálogo, a cada momento interrompido pelas paragens do *tramway*, pela entrada e saída de passageiros, pela voz autoritária do condutor, que explicava em dialecto calaico:

—Bai cheio. Num há lugar.

Tendo João Penha aludido a mais de um dos poetas, que constituíram a constelação académica da *Folha*, para

entrelembrar casos e anedotas da boémia coimbrã, disse-lhe eu de repente:

—Por que não escreve as suas memórias de Coimbra?

—Não tenho tempo, respondeu ele. Encheriam três volumes.

Três volumes, de certo, porque João Penha foi o chefe de um cenáculo numeroso, que viveu na alegria e nas letras, que teve aventuras e triunfos, e que legou aos cursos subsequentes uma gloriosa história ainda hoje rememorada com prestígio na tradição académica.^{9} Ele, erguido no pedestal que o voto unânime dos seus contemporâneos lhe havia consagrado, via do alto, como um ídolo, toda a nervosa multidão da academia, que o adorava, observava todas as evoluções caprichosas dessa legião gentilíssima de rapazes talentosos, que se moviam em torno dele, conhecia todos os segredos da biografia de uma geração, que há de ficar eternamente lembrada. Três volumes, pelo menos, e não seriam de mais.

Mas percebe-se que lhe custe meter ombros a um labor de reconstrução histórica em que a pena seria como um estilete a revolver dolorosamente o coração saudoso do escritor. Eu mesmo, que apenas segui de longe toda essa altívola mocidade académica, ouvindo reproduzida a distância a sua voz no fonógrafo literário da *Folha* e de uma boa dezena de poemas, eu que senti rolar até mim a lava candente do vulcão sem assistir^{10} às tempestades explosivas da cratera, eu próprio experimento a vaga nostalgia da Coimbra daquele tempo vendo envelhecer em Lisboa, na prosa da burocracia, do foro, do professorado e do parlamento, os poetas que há vinte anos constituíam a ala vitoriosa dos novos comandada por João Penha.

E, mais infelizes ainda, os que hoje não fazem leis, nem minutas, nem agravos, nem compêndios, dormem

prematuramente o somo da morte na apoteose serena, sem invejas, mas também sem desilusões, daqueles que, como Gonçalves Crespo, brilharam pelo clarão do seu talento, e passaram como um meteoro fugitivo.

Tive Gonçalves Crespo por companheiro na Redacção da Câmara dos Pares. O seu espírito doirava-se ainda de um reflexo de alegria, sem constrangimento, que era como que o último elo da sua tradição académica. Tinha passado de Coimbra para Lisboa serenamente,^{11} sem tempestades da vida, que envelhecem a alma antes do alvejar da primeira câ. Na paz domestica do seu lar, a morte foi como um salteador que surpreende um viajante a dormir na pousada, e o estrangula entre dois braços de ferro num momento. Os outros que ficaram ainda, são como as árvores no Outono, que dia a dia vão sendo sacudidas e abaladas pela nortada agreste, que anuncia o inverno.

É difícil adivinhar hoje na melancólica indiferença de Simões Dias, que passa através de Lisboa com o ar desleixado de um provinciano aborrecido, aquela brilhante alma meridional do poeta das *Peninsulares*, onde cantavam serenatas da Andaluzia e rouxinóis do Mondego.

Cândido de Figueiredo, cuja musa era das mais crentes, embora não fosse das mais vulcânicas, cansado de repartir os restos da sua mocidade entre a cátedra de professor^{12} e a Secretaria da Justiça, correu ao encontro da velhice, denominou-se voluntariamente *Caturra*, atirou-se às questões de filologia, e conseguiu tornar-se rabugento contra os que escrevem *aereonauta* com um e supérfluo.

Este correctíssimo poeta da *Folha* é hoje um suicídio ambulante. Mata-se a ensinar a língua portuguesa a quem a não quer saber. Já um ministério lhe receitou, como distracção, o Governo Civil de Vila Real. Cândido de Figueiredo viu o Marão resplandecente de neve, e não o

cantou. Apenas recolheu a Lisboa, deu-se pressa em publicar *Novas lições praticas da lingua portuguesa*.

Não era poeta, poeta de fazer versos, embora tivesse começado por aí, como todos, mas tinha assomos de graciosa imaginação quando romantizava na *Folha* as lendas do alto Alentejo, um que só doutorou em direito, e estuda e encalvece como todo o bom lente, e apenas sai dos braços de Minerva na^{13} Universidade para os braços do senhor José Luciano no Parlamento.

Esse, José Frederico Laranjo, tão amante de falar nos palatários de Coimbra, vai estando tão mudado hoje, que já ninguém treme de medo quando ele pede a palavra na câmara.

—E Junqueiro? o nosso astral Guerra Junqueiro? perguntar-me-há o luciolante apostolado que o rodeia na cervejaria do Camanho.

Junqueiro, se houvéssemos de dar credito a todas as suas apreensões patológicas, está «precocemente chegado, pelo sofrimento, ao ocaso da vida».^[1] Sinceramente desejo que os factos venham desmentir esta apreensão.

Mas Guerra Junqueiro, meus senhores,^{14} era na Coimbra daquele tempo, na *Folha* principalmente, a promessa florescente de um lírico primoroso, depois transviado, e a meu ver atormentado, pela preocupação constante de reformar a estética^[2], a técnica^[3], o Olimpo dos românticos^[4], o paraíso dos católicos^[5], de fundar escola e de atingir a perfeição suprema no seu melhor livro, que, segundo o seu próprio conceito, são os *Simples*.

E talvez não sejam.

Em Coimbra, Guerra Junqueiro era, como^{15} todos os outros, um satélite que gravitava em torno de João Penha, o

chefe incontestado, antes adorado, do cenáculo, da boémia, e da *Folha*.

O tempo rolou a sua pesada mole por sobre as ilusões desses rapazes que eram então a fina flor da geração académica. Deles, os que não estão ainda velhos por fora, começam a descair na tristeza, não direi do ocaso da vida, como apreensivamente afirmou de si mesmo Guerra Junqueiro, mas da experiência dura do mundo.

João Penha, o primaz da tribo, é advogado em Braga, trabalha honestamente para sustentar a sua família. Está ao corrente de todas as novidades literárias que a França inventa e exporta, porque as recebe directamente de Paris em primeira mão, mas atura todos os dias, no seu escritório, uma chusma de clientes, que às vezes, o que o contraria muito, o assaltam em plena rua, já depois^{16} dele ter fechado o seu escritório às duas horas da tarde, invariavelmente.

Outro dia, João Penha ia para o Bom Jesus do Monte, em serviço—disse-me ele—às sete horas da manhã. A seu lado, no *tramway*, um demandista estopante gritava para vencer a dureza de ouvido do advogado.

—O que eu quero, berrava o cliente, é ganhar a queston do rego. Porque, snr. doutor, no rego é que está a grande maroteira dela. (Ela era a parte contraria, uma mulher).

Questão de águas: a mais generalizada espécie de litígios no Minho.

João Penha, de charuto ao canto da boca, ouvia imperturbavelmente resignado e silencioso. Os outros passageiros sorriam disfarçadamente das frases equivocadas do demandista. Filado pelo cliente, João Penha era, naquela hora, sob o céu azul, radioso de sol, uma vítima do Direito, que legisla sobre regos e outras coisas mais;—do Direito que^{17} ele pudera amenizar em Coimbra com as sátiras escritas na

aula, com os sonetos publicados na *Folha*, com a boémia alegre das *Camêlas* e do *Homem do gás*.

Agora, em Braga, o Direito esmagava-o como a clava de Hércules. Fazia dó, fazia pena ver João Penha torturado nos colmilhos de um litigante obosso, a quem ele não podia responder, com um repente de Bocage, num epigrama vingador.

Não me atrevi a arrancar João Penha das garras do cliente. Mas à volta do Bom Jesus, tornando a encontrar-nos no mesmo *americano*, interpus-me ao demandista e a ele, e conversamos de varia literatura,—muralha da China Contra a qual esbarraram, infrutiferamente, duas investidas do brácaro Chicaneau, que parecia recortado dos *Plaideurs* de Racine.

Aqui esta no que veio a dar aquele belo espírito do maior improvisador e do maior boémio da Coimbra de há vinte anos!

{18}

Ó salgueirais do Mondego, lamentai-o! Ó musa alegre da tasca das *Camêlas*, cobre de luto a tua face mésta! Ó fina flor dos rapazes desse tempo, chorai por ele e.... por vós!

Colhi em Braga informações sobre o viver de João Penha transformado. Tem, como advogado, uma grande clientela posto não vá nunca ao tribunal. Mas a sua competência em questões do cível não sofre rivalidade. Escrevendo nos processos, é um jurisconsulto de primeira ordem.

Às duas horas da tarde fecha impreterivelmente o escritório. Os clientes voltarão, se quiserem, no dia seguinte. Mas voltam sempre.

À noite, João Penha, invariavelmente de luvas pretas, monóculo posto, frequenta a confeitaria do Anacleto à rua de S. Marcos. Uma coincidência leva-me a suspeitar que João Penha rivaliza na gulodice de bolos finos com o glorioso

Sampaio da *Revolução*, de veneranda memória. Vindo todos os anos à Póvoa^{19} de Varzim, na época de banhos, é na confeitaria contigua ao *Café Chinês* que ele aparece às noites, sempre de luvas, correctamente vestido, sobraçando às vezes um pacotinho de doces.

Que ao menos o saboroso bolo de coco possa adoçar as horas amargas da sua banca de advogado!

—Sr. dr., dizia-lhe o demandista quando todos apeámos do *americano* no Campo de Santana, olhe que a queston do rego tem furo. Num m'a avandone.

E João Penha, sorrindo, voltado para mim, repetia-me:

—Não se esqueça de ler a *Nature* de Holinat. É soberba!

Ó salgueirais do Mondego, lamentai-o! Ó musa alegre da tasca das *Camelas*, cobre de luto a tua face mésta! Ó fina flor dos rapazes desse tempo, chorai por ele e... por vós!^{20}

^{21}

II

Na individualidade literária de João Penha há a distinguir o poeta da boémia, e o poeta do amor.

São dois homens reunidos num único homem. O primeiro é o estudante que frequenta de noite as tascas de Coimbra, celebrizando-se nas libações e nos improvisos; que canta os paios do Alentejo, o presunto^{22} de Lamego e os falernos da Beira; que satiriza os lentes e adora a Cabula; que vê formar-se em torno de si o numeroso cenáculo a que preside com o aplauso e a admiração da academia inteira, cuja alma, cheia

de alegria e de mocidade, ele consubstancia numa saliente concretização pessoal.

Os seus versos, as suas anedotas de boémio noctívago correm ainda hoje na tradição universitária, impregnados desse fugitivo *sachet* de vida antiga, que é a glória melancólica dos velhos e o ideal ambicioso dos novos.

A baiúca da Camela, sem ele, ficou solitária como um templo vazio.

Os que foram da geração de João Penha ainda de certo o recordam hoje de monóculo no olho, capa traçada, numa atitude elegante e vigorosa de Apolo de Belvédère, cantando no templo, sob um imaginário baldaquino de folhas de parra verdejando esmeraldas, a alegria eterna da alma rubra do álcool.^{23}

Oh vós, que do canto sois velhos fregueses,
Ouvi destas liras o mélico emprego!
Nós somos as gemas, os bifes ingleses,
Os paios das filhas do claro Mondego.

Sorri-nos a vida nos cálices cheios.
Dos roxos falernos das parras da Beira;
Sorri-nos a Céres dos túmidos seios;
Sorri-nos dos bosques a Vénus ligeira.

Nos mostos papiros da ciência moderna
A droga se encontra que ao sono convida;
Queimemo-los todos, que só na taberna
Os livros se encontram da ciência da vida.

Ao vento os cabelos! por montes e vales
Corramos no passo das gregas coreias!
Bacantes das praças, vibraí os címbales!
Abri-nos as portas, gentis Galateias!

A lenda das noites das Camelas, personificada em João Penha, subsistiu como uma das seduções tradicionais da vida académica.

António Nobre, que eu julgo ser, de todos os poetas novíssimos, o que tem mais poderosas faculdades para traduzir as impressões da alma moderna, torturada pela nevrose,{24} confessa a sugestão dessa lenda boémia, que reproduz a Poesia ardendo como uma pira sobre o tampo dos toneis impantes:

..... A Tasca das Camelas
Para mim, era um sonho, o céu cheio de estrelas.

Mas quando António Nobre chegou a Coimbra, uma barreira de vinte anos, espessos como vinte séculos, separava da tasca das Camelas a pessoa do doutor João Penha, advogado nos auditórios de Braga. A alma espumante e radiosa das noites da boémia partira-se como a tapa das últimas libações; partira-se, e partira. No templo reinava o luto silencioso das lendas de antigos castelos abandonados por príncipes cujo destino é ainda um mistério. E António Nobre, relanceando os olhos tristes pela solidão tenebrosa, teve esta explosão de desespero truculento:

Tia Camelas... só ficou a camelice.{25}

O que lembra uma situação análoga cantada por Delile nos *Jardins*:

..... Tele jadis Carthage
Vit sur ses murs détruits Marius malheureux.

Dir-se-ia que tinham desaparecido com João Penha e com o seu tempo essas telas vivas de Van Laar, que revestiram as paredes das Camelas; painéis pagãos, dignos de Ticiano e de Poussin, onde a Fábula parecia sorrir ainda, coroada de pâmpanos, no verso báquico do autor do *Vinho e fel*:

Dá-me esse onagro de vigor silvestre,
E os odres fundos, oh Sileno antigo:
Ensina-me na dor: só tu és mestre.

Dir-se-ia que a rija cimitarra do vandalismo havia despedaçado algum mármore de Pradier em que uma Bacante andaluza, cingida nos braços de um Sátiro inspirado, parecia entoar um ditirambo amoroso, cortado{26} de evohés e de beijos, e de que só restava, inscrito no sóco da escultura mutilada, um sonetinho de João Penha:

Oh poetas d'água fria!
Dizei-me: a vossa musa.
Será como a andaluza
Que as noites me abrevia?

Olhai-a: que poesia!
Na dórna da Aretusa
Lá enche agora a infusa
De clássica ambrósia,

E aos lábios de cereja
Eleva, airoso e rindo,
O copo de cerveja!

Oh quadro novo e lindo!
Musas, chorai de inveja,
Musas, descei do Pindo!

Ainda rescaldam nos «cavacos» da academia as anedotas, os episódios das noites das Camelas no tempo de João Penha. É capitosa a tradição dessa boémia extinta, que{27} soa ao longe, e que exalta a imaginação dos rapazes. Para António Nobre era um «sonho», que o atraiu a Coimbra, como a devoção de Meca atrai o árabe.

Ele tinha de certo ouvido contar que João Penha, entrando na Tasca sem perder a donairosa compostura de um *gentleman*, que jamais esquecia as luvas e o charuto, se limitava a esvaziar uma «taça», nome aristocrático com que nas Camelas a boémia nobilitava o copo. E que, ao ouvido da Tia Maria, João Penha, com o ar de uma discrição cheia de orgulho e de mistério, segredava:

—Repita a dose para um envergonhado, que está ali fora...

Na sombra do limiar, entreaberta a porta, João Penha esvaziava a segunda «taça», simulando passá-la à mão de um embuçado de melodrama.

António Nobre conhecia a tradição, a anedota, o pitoresco da lenda, mas, quando^{28} chegou a Coimbra, apenas restava da boémia de João Penha, na Tasca das Camelas e na Via Latina, a lembrança de que passara outrora por ali uma onda de mocidade alegre, que o tempo secou.

Tia Camelas... só ficou a camelice.

A tradição em Coimbra, um advogado em Braga, eis o que resta de João Penha boémio.

Mas ainda hoje os rapazes que passaram pela Universidade vêm contar as sátiras, os epigramas que ele deixou gravados na memória das gerações.

Todos eles sabem de cor o famoso caso do incêndio, que João Penha noticiava para Braga, ao irmão, como tendo sido uma calamidade bíblica, um castigo do céu, que o deixara despojado de todos os seus escassos haveres de estudante:

Foi um incêndio voraz!
Parecia a própria Gomorra!^{29}

E os manes do doutor Adrião Forjaz velam de pudor a face ouvindo repetir, na chalaça de Coimbra, a frase atribuída aos lábios castamente impolutos de uma boca impecável, onde só os eufemismos floriam como lírios brancos.

Conheci em Lisboa, de o ver no parlamento, o irmão de João Penha, também advogado, e nesse tempo deputado por Braga.

Contava-se em Coimbra que o poeta, encarecendo as virtudes do irmão, costumava dizer dele:

—O seu único vício sou eu.

De improvisos feitos na aula, escritos sobre o joelho e transmitidos de bancada em bancada, ficou em Coimbra memória imperecível, que irradiou até à raia do Minho e até à raia do Algarve, como uma lenda nacional.

Perderam-se para a bibliografia os dois jornais, o *Zabumba* e a *Gaita de foles*, que^{30} João Penha publicou na *Sebenta*, no quarto e quinto ano; mas as quadras e sonetos, em que a alegria mordaz esfuziava diariamente nessas folhas avulsas, salvaram-se para a tradição, que ainda hoje os repete, como se estivessem sendo lidos, nas noites de Coimbra. Quantas vezes não tenho eu ouvido recordar em Lisboa muitos dos epigramas de João Penha, improvisos feitos nas aulas, como, por exemplo, o do Pinto Lambaça!

Em pé, diante do Brito,
Dá lição Pinto Lambaça:
Parece a voz do Infinito
A sair duma cabaça!

E aquele outro apontado ao nariz vermelho de Tamagnini Encarnação?

Tamagnini Encarnação
Tem na ponta do nariz
O colorido feliz
De uma rosa do Japão.^{31}

E ainda aquele que joga de vocábulo com o nome do condiscípulo Ennes:

A letra dos teus assuntos
Bem nos demonstra quem és:
Vale dois *nn* bem juntos,
É letra de quatro pés.

Há poucos dias, no *In illo tempore* das *Novidades*, li o epigrama com que João Penha alvejou a gastronomia proverbial do doutor Sanches da Gama:

Dizem que o Sanches embirra
Que lhe vão pedir dispensa.
Forte asneira!
—Imagina que lhe pedem
A dispensa
Onde tem a salgadeira...

Agora e sempre me parece novo em folha o famoso soneto *A um doutor Pedro*, que pode ser considerado, o soneto, como inexcedível na profundidade do conceito. Pelo que^{32} toca ao doutor, a tradição universitária apenas o considera inexcedível no esguio da figura;

E vimos uma forma horrenda e bruta
Surgir do lodo vil com gesto iroso,
Como outrora, no Cabo Tormentoso,
O velho Adamastor de barba hirsuta.

—«Quem és tu?» eu lhe disse.—«Bardo, escuta,
(Bramiu com voz ingente e desdenhoso)
Eu sou no espaço infindo e luminoso
O verbo ideal da estupidez corrupta.

«Na terra sou Penedo: e o mar violento,
O mar das ciências vãs da humanidade,
Já quis vencer-me, e foi baldado o intento!»

Disse. E ouvimos naquela obscuridade
O cântico dum trémulo jumento:
—Era o preito da terra à Imensidade.

Sobre os inextinguíveis vestígios desta sátira têm caminhado as gerações subsequentes, cantando o doutor incomensuravelmente filiforme. António Nobre também molhou a^{33} sua sopa no capelo que encima o zingamôcho do catedrático zangaralhão:

Ó Pedro da minh'alma! meu amigo!
Que feliz sou, bom velho, em estudar contigo!
Mal diria eu em pequenito, quando a ama,
Para eu me calar, vinha fazer-me susto à cama
Por ti chamava: Pedro! e eu sossegava logo,
Que eras tu o *Papão*! A ama, de olhos em fogo
Imitava-te o andar, que não era bem de homem...
Eu tinha birras:—Aí vem o lobisomem!
Dizia ela.—Bate à porta! Truz! truz! truz!
E tu entravas, Pedro, eu via! Horror! Jesus!

Nas mais alucinantes tempestades de entusiasmo académico a musa de João Penha era a sarça ardente que prendia todos os olhares, atraía todas as atenções pela originalidade fidalga do conceito, e pela gentileza patricia do verbo flamejante, como no soneto *A uma rabequista*:

Eu dera um litro do meu sangue azul,
(Oh meus avós, não fulmineis o herege!){34}
Só por beijar-te, no chapim taful,
O pequenino pé, que orquestras rege![6]

A respeito desta rabequista, que era uma italiana lindíssima, dizia-me há pouco João Penha:

—O Manuel da Assumpção queria casar com ela e eu dissuadi-o desse intento... por ciúmes.

Pobre Manuel! ele foi o primeiro romântico do seu tempo, como João Penha foi, na{35} frase de Gonçalves Crespo, o último estudante de Coimbra.

Naquela quadra, como na organização artística de João Penha, incluindo a sua modalidade de boémio, há um cunho brasonado de *vieille roche* das letras. Conservador como a melhor nobreza parisiense do bairro Saint Germain, ele ama a tradição da Arte, os velhos pergaminhos da língua, a lição clássica dos mestres, a compostura aristocrática da frase, que não chega a desfraldar-se no epigrama, nem a esbagaxar-se

na sátira. Canta o Paio de luva branca, sem que fique na pelica uma nódoa de gordura. Canta o Vinho, sem entornar no colarinho a mancha roxa da borra. E se passa da tasca das Camelas para o salão nobre da Poesia madrigalesca, substitui facilmente a batina rota pela casaca broslada, é um cortesão de Luís XIV quando empunha a taça, refulgente de áureas facetas, para brindar as damas delicadas:{36}

Deste copo de vinho generoso
Dai-me que eu tire o alento que desejo,
Para que o novo canto, sonoro,
Desfira na guitarra em doce arpejo;
E já que estou deveras amoroso,
Aproveito apressado um tal ensejo
Para erguer à leitora, que me escuta,
Um brinde que me deixe a taça enxuta.

Tal é, rapidamente tracejado, o perfil lendário de João Penha boémio, do poeta da alegria e da mocidade, que improvisava nas tascas do *Homem do gás*, do *Varão do Luxemburgo*, do *Conselheiro Rodrigo*, e da *Tia Maria Camela*.

Mas esse improvisador errante, que a borga arrastava de taberna em taberna, não descalçava nunca as luvas, nem para beber, nem para cantar. Era um artista de raça, que adorava o primor da forma. Sob este ponto de vista João Penha e a *Folha* exerceram uma sensível influência. O soneto da escola italiana, tão abandonado como antiquilha árcade depois de Bocage, ressurgiu no acuro parnasiano{37} de João Penha. E todos os da *Folha*, que navegavam na esteira do mestre, saíram excelentes artistas no cinzelamento escultural da forma literária: Crespo, Junqueiro, Simões Dias, Cândido de Figueiredo, etc.{38}

{39}



Para João Penha, como poeta lírico, o amor parecia não ser mais que uma idealização, uma fantasia de artista.

Eu não encontrava, nos sonetos do *Vinho e Fel*, a abstracção absorvente de Petrarca, a paixão abrasadora como lava, o Vesúvio que vulcaniza o coração, reduzindo-o a cinzas.

A Ironia andava de braço dado com o{40} Amor, no lirismo de João Penha, mais como um efeito pitoresco da Arte, supunha eu, do que como a crua expressão da Verdade.

Não descobria através das *Rimas* o tipo constante, persistente, de uma mulher, embora se me afigurasse que de recordações avulsas e de perfis diferentes criara o poeta o elemento feminino dos seus poemas.

Nunca os versos de João Penha me deram, na taça do *Vinho e Fel*, a impressão de uma grande catástrofe psicológica, que lhe precipitasse a alma na voragem do cepticismo.

Parecia-me que a sua musa obedeceu à orientação romântica, que se comprazia em polvilhar de gotas de fel, como um efeito decorativo, puramente ornamental, a corola das flores ideais do Sentimento.

É verdade que no escrínio das *Rimas* havia a miniatura de uma mulher, mas eu considerava-a, se me permitem a expressão, um retrato de fantasia:{41}

Um rosto encantador, quase moreno,
De uns grandes olhos verdes animado:
Negro o cabelo, em tranças enastrado;
Correcto o supercílio, íris sereno;

Vermelho o lábio, sorridente e ameno;
Breve a cintura; o colo, acetinado;
Um donaire, das outras invejado;
Magras as mãos; o pé, leve e pequeno:

Eis a dama por quem chorando anelo!
Rival das graças do cinzel iónio,
Mas fria como a neve: o meu flagelo!

Eis a minha Natércia, o cruel demónio
Por quem vivo perdido, mas tão belo
Que nem lhe resistira Santo António!

Este soneto afigurava-se-me como o primeiro elo de uma concepção artística de poeta, de um plano literário preconcebido, que visava a produzir efeitos pela antítese do Amor e da Ironia, pelo contraste da veia alegre do boémio com a inspiração sentimental do lírico.

Assim não tardava muito que a musa dicaz do epigrama deixasse cair sobre o retrato da^{42} primeira pagina o peso de um paio roliço de Lamego, que se esborrachava em rúbidas gorduras sobre a miniatura delicada:

Mal pode fantasiar-te a mente acesa
Tão gentil como quando, venturoso,
Te vi a vez primeira, ébrio de gozo,
Estático de pasmo e de surpresa.

Que prodígio de esplêndida beleza!
Que lábios, que sorrir, que olhar piedoso!
Que opulento cabelo... um mar undoso
Onde esconderas a gentil nudeza!

Assentada num banco de verdura,
Junto à margem do múrmuro Mondego,
De um Corregio vincerás a pintura.

Ai! perdi, desde então, paz e sossego:
Se estavas tão graciosa em tal postura,
E comias um paio de Lamego!

E logo, como na travacção lógica de um poema, cuja traça foi gisada calculadamente, o paio continuava a materializar a desilusão do poeta, que não encontrava na realidade^{43} da vida a mulher ideal das suas noites de fantasia romântica.

O paio parecia-me na obra de João Penha um símbolo de salutar desengano para os que criam na espiritualidade etérea da mulher e que, regressando alquebrados do País do Sonho, ainda podem achar reabilitação salvadora na despensa, no *restaurant*, e na cava.

És minha, és minha, oh venturoso fado!
Cedeste à chama que em meu peito alento!
Chegou por fim o divinal momento,
O dia de meus sonhos anelado!

O céu, há pouco torvo, hei-lo azulado:
Sussurra esmorecido ao longe o vento;
Esplende o sol no etéreo firmamento;
Recende aromas o florente prado.

Quando há pouco a teus pés (oh quadro lindo!)
Te disse o meu amor, em doce esmaio
Senti volúpias de um prazer infindo.

Oh camênas agrícolas, cantai-o!
Ela, a minha formosa, ela fugindo,
Deixou-me o coração, deixou-me o paio.^{44}

Desfeito o sonho, fica nas mãos do poeta como um refém da sua esperança perdida, das suas ilusões derrotadas, o paio,— a porção mais subjectiva do *eu* espiritual da dama, o paio, um símbolo, o paio, uma filosofia, como o porco do rebanho de Epicuro, *Epicuri de grege porcus*.

Se alguma dúvida pudesse restar sobre a interpretação deste símbolo culinário, que atravessa toda a obra do poeta, bastaria a desvanecê-la a clara exegese deste soneto:

Aquela Rosa branca, a flor mais viva
Dos jardins olorosos de Granada,
Já não parece a flor enamorada,
Triste por viver só, viver cativa.

Outrora, em seu mirante, pensativa,
Muitas vezes a luz da madrugada

A via entre boninas, enlevada,
Nos sons duma guitarra fugitiva.

Agora, a Beatriz do Poeta abstruso,
A Eleonora das canções do Tasso,
A Natércia gentil do cantor luso,{45}

Sol perdido em nevoeiro escuro e baço,
A cítaras prefere a roca e o fuso,
Aos meus cantos,—presuntos de Melgaço!

Sente-se na simbólica de João Penha a alma alegre de uma geração que teve sangue, que teve vigor, que adorou a vida porque a podia gozar.

Respira-se aí o aroma aperitivo de um succulento jantar fradesco, como na antiga cozinha dos bernardos de Alcobaça, que ainda hoje, apesar de vazia, dá a impressão do apetite salubérrimo da ordem de Cistér.

Como que se ouvem os passos dos leigos conduzindo da copa os cangirões bojudos, da ucharia as viandas gelatinosas, e da frescura dos coutos, regados por água diamantina, as frutas deliciosas e maduras.

Um braço invisível parece encaminhar o nosso espírito à vasta mesa do refeitório cisterciense, onde a gula monástica levanta castelos de comezana maciça, que o apetite{46} voraz há de em breve vencer e desmoronar.

Sobe ao púlpito, enquanto os outros devoram pingues virtualhas, um pregador aguado, que, com os olhos postos no gordo repasto, fala, sem fé e sem unção, da diabólica atracção dos sete pecados mortais, que os setecentos filhos de S. Bernardo ali reunidos devem a todo o custo evitar.

E especifica: a soberba, a avareza, a luxúria...

Deglutindo truculentamente, um velho frade, saturado do mundo, dirá para o fundo do prato com os seus botões:—Que

mulher conheci eu por lá que valesse esta bela petisqueira de Alcobaça?

Assim João Penha, como o bernardo guloso, exclama no soneto:

Cantai-me a vida, e o sonho transitório!
Cantai, enquanto à dor busco remédio
Nos vastos caldeirões do refeitório.

A raça, no breve lapso de vinte anos,^{47} histerizou-se excessivamente em nervosismos e melancolias, que alucinam funebremente o cérebro dos poetas modernos.

Vede bem! João Penha cantava o Paio, celebrava o Presunto, preconizava a Vida, ao passo que António Nobre deixa entenebrece o seu espírito no simbolismo tétrico da *Velha* (a morte) e do *Hotel da Cova* (a sepultura).

E, todavia, Coimbra, onde um gozou e o outro se aborreceu, continua a ser talqualmente a mesma, pesa sobre a Universidade a mesma Torre de pedra, sobre os ombros do doutor Pedro a mesma Torre de ciência, há o mesmo cheiro a lente catedrático e a bolor autoritário, a Pandecta rançosa fala ainda mais alto que toda a concepção do Direito moderno explanada pelo sr. M. Fratel, porque, nessa Coimbra vetusta, há só uma coisa que fala mais alto que a Universidade,—é a *Cabra*.

Continuando o *meio* a ser o mesmo, sendo^{48} mesmíssima a atmosfera social onde a mocidade académica respira, é claro que a variedade das impressões recebidas se há de explicar pelas condições especiais, tanto psíquicas como físicas, do individuo que as recebe.

Assim, pois, temos em João Penha a musa viva que floresce o amaranto, rubro como a púrpura e como... o paio: em

António Nobre temos a musa lânguida que desabrocha a pálida cecém, perfumada, mas branca como a neve.

Depois de haver escrito a *Carta a Manuel*, António Nobre, sedento de ideais consolativamente calmantes, vai, luziada errante, procurar a Vida no Bairro Latino, e lá mesmo se encontra só e desgraçado.

João Penha, durante o seu tempo de Coimbra, saltou, como um funâmbulo, por sobre todos os desgostos do amor íntimo, sem entornar a taça repleta de falerno.^{49}

Não há dor que resista a um vinho ardente,
Nem ao fácil amor de uma espanhola.

Porque a verdade, ao contrário do que eu e outros poderíamos supor de longe, enganados pela aparência picarescamente irónica dos versos de João Penha, a verdade é que ele amou, embora não andasse lutuosamente vestido de almáfega, nem passeasse merencório e sinistro como os bardos melodramáticos, que aliás caricaturou.

Os humoristas levam às vezes a estes erros de apreciação, porque, em vez de fazerem da sua dôr um poema, segundo a expressão de Goethe, fingem que lhe sopram, como a uma nuvem de fumo, para dissipá-la...

No fundo da biografia de João Penha está efectivamente a memória de um amor, que inspirou *O Vinho e Fel* e *O Tancredo*, poema no género do *Onofre*, e que, como muitas outras composições, perdidas, ou publicadas em jornais, não saiu nas *Rimas*.^{50}

—Nós em Coimbra, dizia-me João Penha, bebíamos, não para apagar a sede ou para afogar paixões,—mas para dar tom aos nervos e activar os movimentos do maquinismo intelectual. Todavia não deve esquecer-se que o vinho é o

grande consolador dos tristes: *date vinum moerentibus et lætobunt...*

Esta frase rasga o véu de um segredo, que o vinho letificante diluiu na taça da bonomia.

Mas ri-se como quem chora,
O bardo das cenas várias,
Qual ri o mocho sombrio
Sobre as loisas funerárias.

A noite na adega esconsa,
D'uns candís à luz escassa,
Quantas vezes não procura
O esquecimento na taça!

.....
Que já li sobre uma lage,
Oculta, numas cavernas,
Este sinistro epitáfio
Do fantasma das tabernas:

«Aqui jaz o bardo triste
Junto à bela Carolina:{51}
Riu-se a bela do rapaz,
Riu-se o rapaz da menina.»

Mais de um rugido de paixão leonina estruge na adega esconsa, à luz fumenta dos candis, enquanto a tia Camela despeja do pichel um gorgolão vermelho de falerno:

Venho pedir-te o retrato
Que te dei por amizade:
Não quero servir de ornato
Nos alcouces da cidade.

Quero lavá-lo nas ondas,
Que gemem na praia agreste,
Daquelas manchas hediondas
Dos beijos que tu lhe deste.

Quero arrancar-lhe a moldura,
O teu cabelo, e trocá-lo

Por uma trança mais pura
Das crinas do meu cavalo.

Estes gritos de desespero fazem lembrar aquela sação plena de romantismo, em que Dumas Filho obtinha um duplo triunfo no romance e no palco quando Armand Duval arremessava a bolsa recheada de ouro à face de Margarida Gautier.^{52}

És da raça dos Borgias! vocifera o poeta, mas traça a capa de estudante, e vai procurar o contra-veneno da paixão

... nos bojos da ânfora vetusta.

Diz Gonçalves Crespo que a mulher amada do poeta pôs, um dia, o pé no estribo, e partiu para Lisboa. Mas a verdade é que quem partiu foi ele, deixando-a a ela, aos sinceirais do Mondego, ao País azul do sonho e à vida murciana de Coimbra. Nessa hora surgiu mais um advogado em Braga.

Poderiam, erradamente, supô-lo volúvel, inconstante no amor os que não conheciam os segredos da sua biografia, que a resposta não tardava, pronta e cabal:

Mais frio que Blondin sobre o Niágara,
Julgas minh'alma em vis paixões acesa;
E contudo nas ostras da beleza
Eu só procuro o amor, pérola rara.

Mas, não encontrando a pérola rara, tomava^{53} o partido de comer ostras, temperando-as com pimenta e limão, e com o sorriso tolerante de Pangloss, para quem tudo era pelo melhor no melhor dos mundos possível.

Convém notar que João Ponha deu o título de *Lira de Pangloss* a uma das subdivisões das suas *Rimas*.

Saindo de Coimbra, não chorava sobre as ruínas dos seus sonhos desfeitos, das suas ilusões perdidas. Vinha

desenganado, mas gordo. O espírito,

Aquele meu espírito opulento,
Que vivia na luz dos sonhos belos,

vira morrer os «últimos anelos», mas resistira, graças ao
sábio formulário do doutor Pangloss. E o corpo, sadio e forte,
continuou a florescer

... em tão doce obesidade,
Que dentro em pouco me vereis no transe
De tomar ordens e fazer-me abade.

A gente sai da leitura das *Rimas* tão bem^{54} disposta como
João Penha saiu de Coimbra.

Ordinariamente um livro de versos, especialmente os
modernos, deixam no nosso espírito a impressão de um
cemitério sombrio, umbroso de ciprestes e chorões, dealbado
de mausoléus luarentos, como diria um nefelibata, e de cruzes
tiritantes de frio na gélida nudez do mármore.

Pelo contrário, as *Rimas* de João Penha são como um
pomar do Minho, ubérrimo e cantante, onde a cor dos frutos se
tinge de tonalidades sadias, onde o despenho da água sobre a
relva viçosa espuma em borbotões sonoros, e onde os
pássaros, nas latadas verdes, assobiam numa bambochata
feliz de colegiais em liberdade.

É com a impressão de ter visitado um destes pomares
feracíssimos e alegres que a gente fecha o volume das *Rimas*.

^{55}

IV

Em literatura, João Penha é hoje, como ontem, um conservador convicto, um idealista, um romântico, intransigente, mas brilhante de originalidade saudável.

As suas opiniões são conhecidas.^[7]_{56}

Para ele a escola romântica, sem estar subordinada a uma única e determinada filosofia, porque não há relação próxima ou remota entre os seus três grandes poetas, Lamartine, Hugo e Musset, resistirá a todos os golpes que lhe vibrem os revolucionários da literatura, será eterna, porque eternamente o homem «perseguido pela realidade, se refugiará, pelo menos durante algumas horas do seu dia, no mundo das ilusões.»

Na escola romântica, o que impressiona, o que comove, é a obra em si mesma, ao passo que na escola naturalista apenas se admira o autor pelo seu talento de observação.

João Penha distingue entre escola naturalista e escola realista: naquela, é lícito admitir «personagens excepcionais, casos que não sejam comuns»; nesta, os modelos são vulgares, «as cousas são descritas, não como o artista as possa ver, mas como a multidão as vê.»_{57}

Notarei, de passagem, que nesta subdivisão, João Penha parece ir mais longe do que Emílio Zola, o qual envolve na mesma fórmula o naturalismo e o realismo. O famoso autor do *Roman expérimental* adoptou como fórmula genérica o naturalismo, que é velho, porque data de Homero, e que define: «o regresso à natureza e ao homem, a observação directa, a anatomia exacta.»

Mas, para Emílio Zola, pouco importa que os modelos sejam excepcionais ou vulgares, que estejam no sete-estrela ou no charco, no alto ou em baixo.

«Quand j'ai lu un roman, je le condamne, si l'auteur me paraît manquer du sens réel. Qu'il soit dans un fossé ou dans les étoiles, en bas ou en haut, il m'est également indifférent. La vérité a un son auquel j'estime qu'on ne saurait se tromper.»

Contanto que o artista haja tomado como ponto de partida o estudo dos corpos e^{58} dos fenómenos, pouco parece importar a Zola que os corpos girem no azul ou na terra.

Eu não estabeleço diferença entre naturalismo e realismo, que considero sinónimos: acho que procurar a realidade é investigar a natureza, seja nos modelos excepcionais, em que a natureza capricha às vezes, seja nos modelos vulgares, em que a natureza se repete todos os dias.

Tornando, porém, ao ponto, João Penha não admite, nas obras do espírito humano, senão dois efeitos: o de instruir e o de comover.

A fórmula de Zola, procedendo da análise, caminhando na orientação da medicina experimental de Cláudio Bernard, constitui uma obra de ciência, que pretende guiar o espírito na investigação da verdade.

Não sensibiliza, não evola a alma até à região do sonho; pelo contrário, prende-a à terra, à realidade, como uma algema, um Prometeu.^{59}

Portanto está fora da esfera da arte, que é fundamentalmente sugestiva e emotiva.

Por isso Alexandre Dumas será eternamente lido, ao passo que os editores franceses se têm visto na necessidade de ir alijando as edições dos copistas da realidade por meio de uma tómbola, a franco a entrada.

A profissão de fé literária de João Penha, exposta no prefácio da *Tristia*, não abrange a moderna escola poética,

chamada, entre nós, dos *nefelibatas*.

Mas a sua opinião sobre esta escola poderia deduzir-se do ardor com que defende as tradições do idealismo romântico, se eu ainda há poucos dias não ouvisse, nítida e firmemente explanado, o parecer de João Penha sobre a obra recente dos novíssimos:

—Não transijo com essa escola, disse-me ele. Não admito poesia sem ritmo, como não admito música sem compasso. O verso sem cesura e sem medida, é prosa.^{60}

E dizia-mo com aquela ríspida firmeza de convicção com que Teófilo Gautier escrevera: «Vouloir séparer le vers de la poésie, c'est une folie moderne qui ne tend à rien de moins que l'anéantissement de l'art lui-même».

Quando eu estava ouvindo as palavras de João Penha, lembrava-me da frase de Junqueiro nos *Simples*: «A forma poética encaminha-se à solução final. Horizonte imenso.»

Horizonte imenso, sim, porque já não há medida para o verso, que vai até onde quer ir. De outro modo não percebo a frase de Junqueiro. Os limites da metrficação portuguesa estão definidos e marcados, não há por onde variar, sem quebra da arte e do génio da língua. Castilho introduziu na forma poética a novidade dos esdrúxulos italianos, e combateu a peito descoberto pela nacionalização dos alexandrinos franceses. Tomás Ribeiro, no *D. Jaime* e na *Delfina*, percorreu todos os metros admissíveis^{61} na versificação portuguesa, empregando o de treze sílabas, que já era demasiadamente violento para o ritmo orgânico da língua portuguesa. E, feito isto, ele próprio reconheceu que, por amor da variedade, se poderia tentar ainda a medição latina e ressuscitar a toante castelhana,^[8] Mas os poetas que vieram depois, rapazes cheios de talento e conhecedores da arte, porque todos eles a respeitaram até certo tempo, acharam que não valia a pena experimentar a métrica latina e restaurar a toante dos

seiscentistas (que a meu ver não era menos monótona que o *refrain* dos nefelibatas): nada disto fizeram, preferiram escrever versos de longo curso, com quinze e mais sílabas, intercalaram rubricas em prosa no estiramento quilométrico do verso, e para que o alexandrino perdesse a harmonia que provinha da fusão^{62} de dois versos de seis sílabas, fizeram-no tripartido, privando-o da cadência que deleitava o ouvido.

Percebe-se que João Penha, que já em Coimbra dizia a um renegado do romantismo

Prosa e verso têm balizas,

exija ainda hoje uma coisa, que parece ser fundamental e lógica: que os poeta escrevam em verso e os prosadores escrevam em prosa. Quanto à pureza da língua, João Penha não se mostra menos intransigente. Ainda o ano passado lembrava ele ao sr. Antero de Figueiredo o conhecido conselho de mestre Boileau:

Sans la langue... l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain.

Assim, pois, não lhe regalarão decerto o ouvido puritano as inovações bárbaras de quase todos os poetas modernos, alguns de incontestável^{63} valor, à parte os vícios de escola, como por exemplo o sr. Júlio Brandão, quando diz:

E cítaras balança um coro vago de *pucelas*.
Rostos morenos, *brunos*, pálidos, divinos.

Espero apreciar em breve, individualmente, a coorte revolucionária dos modernos poetas portugueses. Ver-se-há então que admiro a concepção genial de uns, e que faço justiça a todos.

Mas encontro-me com João Penha no que reputo a disciplina indispensável da arte e da língua, conquanto bastasse talvez dizer—da arte. E estou em oposição a Guerra

Junqueiro quando afirma que a moderníssima evolução poética rasga horizontes inéditos, «sobretudo no ponto de vista da forma e da expressão.»^[9]

P. de Varzim—Novembro de 1893.

FIM

^[1] Palavras suas em anotação ao volume dos *Simples*.

^[2] «De uma visão mais íntima e profunda do universo germinaram em mim novas emoções, e portanto *uma nova arte*. O poeta renasceu e cresceu. Fecundo renascimento psicológico, e não apenas uma evoluçãozinha toda literária, meramente verbal e de superfície.»

^[3] «Enquanto à técnica do poema, muitíssimo havia que dizer, se esta nota não fosse escrita rapidamente, com o impressor à espera.»

—Notas aos *Simples*.

^[4] *Morte de D. João*.

^[5] *A Velhice do Padre Eterno*.

^[6] A plástica desta quadra foi alterada na sua transplantação da *Folha* para as *Rimas*.

Dera um quartilho do meu sangue azul
(Oh meus avós, estremecei na campa!)
Por dar-te um beijo no chapim tãful,
Que esconde um pé, de se gravar na estampa.

Tal era, na *Folha*, a primitiva feitura. A originalidade do pensamento nada perdeu, e o sistema métrico decimal foi respeitado. Dizer-se que os bacharéis em direito são os primeiros a desacatar a lei!

[7] Expostas no prefacio à *Tristia* de Antero de Figueiredo.

[8] *Vésperas*; pág. 219.

[9] Prefacio ao *Livro de Aglaïs*.

Preço 250 réis

A colecção de monografias que hoje encetamos patrioticamente, não obstante a apatia do mercado literário, abrangerá, do modo mais completo possível, a larga e gloriosa lista de *todos* os poetas modernos do Minho.

O autor dedica os seus dois primeiros estudos a JOÃO PENHA e ALMEIDA BRAGA, que nasceram na capital da província, mas traçará, seguidamente, o perfil de outros poetas brilhantes, nascidos em Guimarães, Viana do Castelo, Barcelos, Ponte do Lima, etc.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK POETAS DO
MINHO I - JOÃO PENHA ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this

agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in

the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it,

you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of

computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.